

## 1. INTRODUÇÃO

Em 2013, no Brasil, iniciou-se, na cidade de São Paulo, um pequeno manifesto de estudantes, ligado ao aumento do custo do transporte público, movimento este de cunho aparentemente pecuniário. Após enérgica repressão pelo poder público, a indignação, antes velada, da população, de diversas localidades do país, veio à tona, representada por diversos movimentos espalhados pelos quatro cantos da nação.

Utilizando, como espinha dorsal de nossa análise, a obra do Professor Axel Honneth, “Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.”, tentaremos identificar o aspecto moral dessas manifestações, e das que daquele evento fatídico surgiram, por meio de pesquisas textuais, de diversos autores, de campo, assim como entrevistas.

Dentre as três esferas de reconhecimento do indivíduo (amor, direito e solidariedade), construídas por Honneth (2009, p. 159-200), o presente artigo irá delimitar as características de cada uma, demonstrando sua importância nos movimentos sociais, com a consequente conquista da autoconfiança, autorrespeito e autoestima (HONNETH, 2013. P. 63-64).

Diante dos conceitos de “Movimentos Sociais” e “Grupos”, formulados por Honneth (2013, p. 58) e demais autores, tentaremos identificar qual desses fenômenos ocorreu nos conflitos sociais que precederam o Impedimento da Presidente do País, assim como aqueles que sucederam esse marco histórico.

Embora os Movimentos Sociais, de maneira geral, tenham surgido por impulso aparentemente de natureza típico mercantil, com a classe operária, no período da Revolução industrial (HONNETH, 2009 p. 253), reivindicando melhores salários e condições de trabalho, temos que o aspecto moral, mesmo que implicitamente, sempre esteve presente (HONNETH, 2009, p. 261).

Sendo assim, com a evolução social e utilização dos movimentos sociais como forma de luta por reconhecimento, o aspecto moral dessas manifestações ganhou força, sendo, em diversos casos, demandas exclusivas de determinada associação.

Em contrapartida o Conceito de Grupo se apresentou de forma desconexa a qualquer tipo de reivindicação, tratando-se, em primeira análise, apenas de um aglomerado de sujeitos, individualizados e identificáveis, dentro de um contexto, que por algum motivo comum resolveram se unir (HONNETH, 2013, p. 61).

## **1. GRUPOS E MOVIMENTOS SOCIAIS.**

Em suas obras, Axel Honneth (2009) demonstra a gradativa inserção do indivíduo na sociedade, afirmando que para se obter o reconhecimento, três esferas devem ser percorridas. A primeira, do amor, quando o sujeito ainda criança, em relação à figura materna (ou uma figura que a represente), detém uma relação quase simbiótica, onde o indivíduo ainda se vê como extensão daquela figura, fase onde se forma a autoconfiança (HONNETH, 2009, p. 159). A segunda esfera, do reconhecimento jurídico, onde o indivíduo amplia sua rede de relações, se vê como sujeito de responsabilidades, direitos e obrigações, fase na qual conquista o autorrespeito (HONNETH, 2009, p. 179). E por fim, a última esfera trata da solidariedade, onde o sujeito possui ciência de suas capacidades físicas e intelectuais (HONNETH, 2009, p. 200), fase esta que não se desvincula da segunda, ocorrendo, inclusive, paralelamente.

Notamos que, desde a infância, o indivíduo vai se desprendendo daquela solitária relação familiar, na esfera do amor, e vai aos poucos se inserindo na sociedade, descobrindo suas habilidades, reconhecendo-se como sujeito de direitos e obrigações, momento em que, muitas vezes sem perceber, já está inserido em algum Grupo.

Para Honneth, então, esse conceito de Grupo está presente quando um conjunto de indivíduos se une para compartilhar características, objetivos, interesses ou experiências. Neste contexto, conforme as aspirações de cada sujeito, haverá associação, podendo haver, inclusive, adesão a outros Grupos. Nesse tipo de relação os indivíduos se reconhecem face a face, são identificáveis dentro do agrupamento do qual fazem parte. Há possibilidade de reconhecimento e contato direto. Conforme Honneth (2013), essa inserção se dá por iniciativa e vontade própria, porém, atrevo-me ir além, dizendo que o indivíduo pode ser inserido em um Grupo de forma inconsciente, sem mesmo ter a intenção de fazê-lo, como vemos crianças em escolas, alunos em faculdades, trabalhadores em determinada empresa, etc. Todos pertencem a um grupo, mesmo que o acaso ou outras pessoas os tenham colocado ali.

Conforme explica Axel Honneth (2013. p. 58-76), para a psicanálise, representada por Freud, para o Sociólogo Canetti e para o Filósofo Adorno, essa inserção do indivíduo em grupos é vista de forma negativa, pois nessa condição o sujeito demonstra fraqueza, perdendo suas características individuais, suas capacidades, tornando-se, então, incapaz, incompetente e até mesmo imaturo, idealizando um líder onisciente, para suprir lhes todas essas falhas. Nesse contexto tal agrupamento só daria margem à criação de gangues, compostas por jovens violentos.

Embora mencionados esses pontos negativos, Honneth (2013, 59-77) prevê consequências positivas para o indivíduo agrupado. Para Axel, o sujeito não perde sua individualidade, ele apenas se fortalece ao trocar experiências, participando de um reconhecimento cíclico, campo onde se obtém mencionados, autorrespeito e autoestima. Trata-se de uma forma de se manter viva uma comunidade cultural, manifestando-se por meio de suas tradições e valores.

Importante frisar que este conceito de Grupo se difere do conceito de Movimento Social, isso porque um Grupo, por si só, nada reivindica, apenas existe por mera pertinência, podendo um indivíduo migrar entre diversas formações.

Por outro lado, os Movimentos Sociais são reivindicatórios, aqui já não se tem relação face a face entre seus membros, esses não são identificáveis, não são determinados, embora suas reivindicações sejam idênticas. A ampliação de seus membros se dá de tal maneira que não se torna possível uma relação direta entre todos os seus indivíduos (HONNETH, 2013. p. 66-67). Os objetivos são comuns, podem ser emancipatórios, reivindicando mudanças, ou podem ser conservadores, objetivando preservar determinada situação. Os objetivos dos movimentos sociais são bem delineados, há uma reivindicação comum, suscitada por todos os membros daquela relação, mesmo que esses não tenham relacionamento direto.

## **2. ASPECTOS MORAIS E MATERIAIS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.**

Após essa distinção, entre Grupos e Movimentos Sociais, é de bom alvitre que, antes mesmo de delimitar seus aspectos motivadores, façamos um introito que demonstre como se dá o surgimento desses Movimentos Sociais. A dificuldade, aparente, que encontramos está, então,

em saber quais os elementos catalizadores, “contaminam” os demais sujeitos a fim de desencadear um Movimento Social. Conseguimos, facilmente, identificar a insatisfação individual, de sujeitos determinados, em uma situação que lhe trás algum embaraço, seja lhe tolhendo direitos, seja dificultando o regular andamento de seus anseios e compromissos cotidianos. Porém, identificar o elemento comum, que “contamina” os demais sujeitos, a ponto de fazê-lo tomar a causa alheia como própria, ainda está sob uma zona cinzenta. Essa mesma dificuldade encontrou o Mestre e Doutor em Sociologia Emil A. Sobottka em análise de campo (2015), onde procurou identificar, em um grupo de mulheres, da periferia de Porto Alegre, algum elemento motivador para que essas procurassem algum tipo de emancipação. Embora suas histórias de vida fossem muito parecidas, com passagens de tragédia e todo tipo de privações, a inércia prevalecia, não havia o elemento catalizador, mesmo com todo tipo de orientação externa.

Acreditamos que o elemento catalizador de um movimento social não seja a compaixão diante da causa alheia, mas, sim, o anseio desses mesmos objetivos, que unem os indivíduos, mesmo que estes não se conheçam. Honneth (2009, p. 258), inclusive, dispõe que a lesão causada nos sujeitos, ou seja, suas experiências privadas, geram uma ponte semântica tão forte que se cria uma identidade coletiva. Das três esferas mencionadas, Honneth afirma que apenas a esfera do Direito e da Solidariedade impulsionam os Movimentos Sociais, isso porque na esfera do amor não se pode estabelecer um vínculo de indivíduos, que não se relacionam face a face, para perseguir aquela relação primária que se estabelece com o ente representativo materno, trata-se de uma relação individual. Sendo assim, os movimentos sociais se caracterizam pela busca do autorrespeito e da autoestima.

Aparentemente, no início, no surgimento desses movimentos sociais, ou quando identificados os mais relevantes, na revolução industrial, a questão moral fora deixada em segundo plano, para alguns autores nem sequer existiam. Marx, que liderou alguns desses movimentos ligados à classe operária, não demonstrou, na visão de Honneth (2009, p. 253), esse aspecto moral. No período da revolução industrial, com os manifestos por melhores salários e condições de trabalho, havia uma visão materialista do fenômeno, de cunho mercantil. Acreditava-se que a contraprestação material era o foco exclusivo, motivador dos movimentos dos trabalhadores. A questão da honra e esses conceitos de ordem moral foram surgindo aos poucos tanto que se já via, conforme Axel (2009, p. 253), nas obras de Sartre e Sorel.

Para Axel Honneth (2009, p. 261), mesmo que não fosse aparente, esse aspecto moral dos movimentos sociais sempre estiveram presentes. Para o autor Alemão o aspecto moral, de reivindicações materialistas, estava a estas intrinsecamente vinculado.

Não obstante as teorias de Honneth, façamo-nos crer que o aspecto material sempre estará acompanhado do aspecto moral, mas não o contrário. Embora o Alemão não siga por esse caminho, acreditamos que movimentos sociais podem surgir apenas com motivações morais, ou seja, a situação vexatória, de descontentamento e humilhação podem estar desvinculados de uma relação mercantil, podendo desencadear, por esses motivos, um Movimento Social.

### **3. OS ASPECTOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS QUE SURGIRAM NO BRASIL EM 2013.**

Feitas mencionadas distinções, resta-nos debater se as manifestações ocorridas no Brasil, que se desencadearam após o movimento estudantil, contra o aumento das passagens de ônibus, podem ser realmente consideradas movimentos sociais para, depois, estabelecer quais os aspectos motivadores, se de cunho material e moral, conforme corrente liderada por Honneth (2009, p. 261), ou se apenas moral.

Parece haver consentimento quanto ao caráter de movimento social daqueles protestos que ocorreram na cidade de São Paulo, em 2013, contra os aumentos das passagens de ônibus. Tratava-se de um corpo estudantil, inserido nas características de um Movimento Social, anteriormente elencadas, que, protestava contra o aumento da importância de vinte centavos no transporte público. Percebe-se que tal movimento não suscitava mudanças, mas sim a permanência dos valores das passagens. Em um cenário nacional de insatisfação com a classe política, a repercussão do Movimento e a enérgica repressão do poder público fizeram com que se desencadeassem, concomitantemente, pelo país, diversas manifestações, solidárias ao Movimento originário. A população se deslocou em peso às ruas, indignadas, inicialmente, com a corrupção e má administração do erário. Conforme se estendeu, alguns movimentos, de diversas ideologias, puderam ser identificados naquele grande conglomerado. Movimentos em prol à classe operária, Feministas, Homossexuais, Conservadores, enfim, diversos movimentos individualizados dentro daquela enorme massa protestante.

Em entrevista ao programa “Diálogo sem fronteira”, gravada no dia 26 de junho de 2013, apresentado por Pedro Paulo Funari, o professor José Augusto Guilhon Albuquerque, colaborador da UNICAMP, Mestre e Doutor em Sociologia do desenvolvimento, afirmou categoricamente que tais protestos não puderam ser caracterizados como Movimentos Sociais, já que ali não havia uma “identidade social” marcante que o individualizasse, que desse união àqueles indivíduos a fim de criar uma identidade coletiva. Tratando-se de um movimento disperso, com diferentes e inúmeras reivindicações, o Professor Guilhon concluiu que ali não se poderia classificar um Movimento Social, justamente por não haver uma pauta pontual, precisa e concreta, que gerasse uma unificação de interesses. O professor Guilhon continuou, dando aspecto predominantemente mercantil às manifestações que ali surgiram, pois, de forma geral, conforme o Ilustre Sociólogo, a população, contribuinte, reivindicava uma contraprestação estatal dos serviços contratados.

Pois bem, se tomarmos como apoio a teoria do “Contrato Social”, obra de Rousseau (1762), temos que há, de certa forma, naqueles movimentos, um objetivo comum, qual seja, a criação de um Estado, por convenção entre os sujeitos, responsável em administrar e gerir a arrecadação das contribuições desses indivíduos. Não havendo essa contraprestação estatal, instauram-se os Movimentos Sociais, cujo objetivo se coincide.

Em outra interpretação, podemos considerar, ainda que, mesmo havendo diversos grupos, dentro da grande massa protestante, de 2013, encontramos diversos Movimentos Sociais paralelos, das mais diversas reivindicações. Certamente, identificamos essa característica mercantil nos protestos, mas também há apelo moral, pois o cidadão que não possui a contraprestação daquilo que por meio de seus tributos fora financiado, também não se vê reconhecido nas esferas do Direito e da Solidariedade.

Podemos encontrar, ainda, movimentos predominantemente, senão exclusivos, morais, como nos Movimentos Sociais Feministas, Homossexuais, Negros e afins, que se somaram à massa. Mencionados manifestos se dirigem à conquista de direitos (autorrespeito), e solidariedade (autoestima), caminhando separados daqueles interesses econômicos que na Revolução Industrial pareciam ser o único combustível dos Movimentos Sociais.

#### **4. CONCLUSÃO**

Concordamos que os Movimentos Sociais, ao assumirem o Aspecto Material de sua motivação, carregarão consigo, necessariamente o aspecto moral. Porém, em caminho distinto, quando o elemento catalizador de um Movimento Social for o aspecto Moral, esse poderá estar desprendido do aspecto Material. Nas manifestações que ocorreram em 2013 no Brasil pudemos identificar todas essas situações, morais e materiais, de maneiras diversas, conforme aqui apresentadas, enquadrando-se, o fenômeno, para nós, sim, no conceito de Movimento Social, tanto de forma geral, abrangendo toda a massa, como de maneira pontual, com diversos focos inseridos no conglomerado protestante.

#### **5. REFERENCIAIS**

HONNETH, Axel. Luta por Reconhecimento: A gramática moral dos conflitos Sociais. Tradução de Luiz Repa. Apresentação de Marcos Nobre. Editora 34. 2ª Edição. São Paulo 2009.

SOBOTTKA, Emil A. Desrespeito e luta por reconhecimento. Civitas. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/23249>> Acessado em 25 de Abril de 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social. Tradução Rolando Roque da Silva. Edição Eletrônica. Ed. Ridendo Castigat Mores. <[www.jahr.org](http://www.jahr.org)> Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>> Acessado em 30 de Abril de 2017.

HONNETH, Axel. O Direito por Liberdade. Tradução por Saulo Krieger. Martins Editora Livraria. 1ª Edição. São Paulo 2015.

MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL ATUAL. Diálogo Sem Fronteira. CAMPINAS: TV UNICAMP. Exibido em 26 de junho de 2013. Programa de TV. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=q1-uZHbuFvg>> Acessado em 17 de Abril de 2017.

HONNETH, Axel. O Eu no Nós: reconhecimento como força motriz de grupos. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, nº 33, mai./ago. 2013.